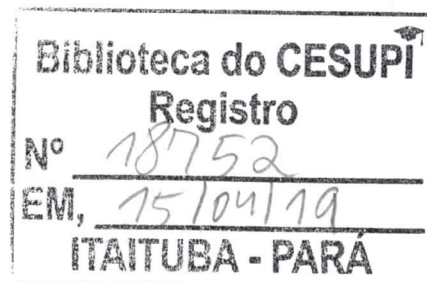




CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCENCIA PARA O MAGISTÉRIO SUPERIOR

DANIELE SOUZA CASTRO

**ASPECTOS DA DISCRIMINAÇÃO E DO PRECONCEITO RACIAL NA
OBRA "RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA"**



400
C346a

Itaituba - PA
2019

DANIELE SOUZA CASTRO

**ASPECTOS DA DISCRIMINAÇÃO E DO PRECONCEITO RACIAL NA
OBRA “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-
graduação apresentado à Faculdade de Itaituba
para obtenção do título de especialista em
Docência para o Magistério Superior

Itaituba - PA

2019

DANIELE SOUZA CASTRO

**ASPECTOS DA DISCRIMINAÇÃO E DO PRECONCEITO RACIAL NA
OBRA “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”**

BANCA EXAMINADORA

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Djalмира Sá de Almeida, Doutora.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Caren Alessandra Kluska, Mestra.

Resultado: _____ Média: _____

Data: março de 2019

Aos meus pais Zenildo Castro e Telma da Silva Souza, a minha irmã Denise pelo incentivo e contribuição que me dedicaram para que eu chegasse ao final do curso. Para meu filho Yago e esposo Gesiel Barros, dedico-lhes esta conquista, com todo o meu amor e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me dar força, coragem, determinação e sabedoria para que eu pudesse concretizar este trabalho. À minha família, pelo apoio e incentivo, em todas as etapas de desenvolvimento da minha vida acadêmica.

Agradeço à meus professores de todo o curso, pela dedicação e paciência, em cada aula dada e por compartilhar suas experiências e conhecimentos comigo, direcionando-me pelo melhor caminho a ser seguido durante a produção deste trabalho.

Agradeço a professora Dr.^a Djalmira de Sá Almeida, pelos ensinamentos nas aulas de monografia.

A todos os colegas e amigos da turma de Letras, em especial a Raquel Rocha de Matos e Amanda Bento, que contribuíram direta ou indiretamente, auxiliando-me com a concretização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

*“O que diferencia uma pessoa de outra é o seu
imaginário, a interpretação que dá aos fatos da vida.”
(Tizuka Yamasaki)*

RESUMO

Este estudo trata da Literatura e dos aspectos do preconceito racial na obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha". Em algumas de suas obras, Barreto fala do preconceito e discriminação social e racial. O objetivo deste é mostrar que, apesar do tempo ter passado o preconceito e a discriminação ainda estão presentes na sociedade, excluindo as classes pobres e negras. Procura-se explicar através de uma pesquisa bibliográfica, a teoria literária e histórica de vários autores sobre o preconceito e discriminação e a realidade daquela época que ainda hoje, estão presentes na sociedade, relatados na obra de Lima Barreto, o qual fazia parte dessa classe pobre e discriminada, em que relata sua vida sendo personagem e autor de obras que tratam sobre os aspectos do preconceito racial. Esse estudo tem o propósito de mostrar que o preconceito e a discriminação ainda são vistos e praticados hoje na sociedade, e são necessárias campanhas de conscientização nas escolas e a sociedade em geral, esse problema é antigo e está vivo, passando de geração para geração. O preconceito e a discriminação vem do passado, onde o negro era separado do branco, sendo apenas ferramenta de trabalho e objeto de troca, nos dias atuais ele continua separado do branco em ambientes e nas mentes das pessoas que os discriminam, hoje o negro deixou de ser ferramenta de trabalho e objeto de troca e passou a ser discriminado. O preconceito e a discriminação social e racial é um problema em todo mundo e está longe de ser combatido, as desigualdades pouco mudaram em relação à situação do negro na sociedade.

Palavras-chave: Lima Barreto. Preconceito. Discriminação.

ABSTRACT

This study deals with Literature and the social side contained in the works of Lima Barreto. In some of his works, Barreto speaks of prejudice and social and racial discrimination. The purpose of this is to show that, despite time being passed prejudice and discrimination are still present in society, excluding the poor and black classes. We try to explain through a bibliographical research, the literary and historical theory of several authors on the prejudice and discrimination and the reality of that time that still today are present in the society, reported in the works of Lima Barreto, which was part of this class Poor and discriminated, in which he relates his life as a character and author of works that deal with this social side. This study aims to show through the work "Memories of the Scribe Isaías Caminha" by Lima Barreto and the researches made, that prejudice and discrimination are still seen and practiced today in society, and awareness campaigns are needed in schools and Society in general, this problem is old and alive, passing from generation to generation.

Keywords: Lima Barreto. Prejudice. Discrimination.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Imagem 1 - Afonso Henriques de Lima Barreto.....	19
Imagem 2 - Romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 CONTEXTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO.....	11
2.2 REALISMO E NATURAISMO DE LIMA BARRETO.....	12
2.3 PRÉ MODERNISMO E MODERNISMO.....	16
2.4 BIOGRAFIA DE LIMA BARRETO.....	19
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	23
3.2 COLETA DE DADOS.....	24
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	25
4.1 RESUMO DA OBRA.....	25
4.2 PRINCIPAIS PERSONAGENS DA OBRA.....	36
4.3 INDÍCIOS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA OBRA “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA”	38
5 PROPOSTA EDUCACIONAL.....	44
5.1 ANÁLISE EDUCACIONAL DA OBRA “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA” NA SALA DE AULA.....	44
5.2 RACISMO.....	45
5.3 PRECONCEITO RACIAL.....	46
5.4 COMO ABORDAR O PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR...	47
6 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

No passado as pessoas negras e as de classes menos favorecidas, eram e ainda continuam sendo vítimas, de diversos tipos de preconceitos, principalmente o racial. Nesse sentido o estudo se propõe a pesquisar sobre Lima Barreto e os indícios de preconceito e discriminação racial na sua obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha".

Através de pesquisas na obra e dos personagens do referido autor, foi possível obter informações a respeito da grande contribuição que o mesmo deixou para essa camada social e os descendentes da raça negra. Foram pesquisados os motivos que induziram Lima Barreto a escrever e defender os negros e as pessoas de classe baixa, uma vez que, naquele tempo a escravidão era comum entre as pessoas da época e as classes menos favorecidas que estavam à margem da sociedade. Este trabalho procura fazer uma revisão literária sobre o preconceito e a discriminação presentes na obra de Lima Barreto, como levantamento de sua biografia e análise da obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha".

A pesquisa bibliográfica interpreta o contexto do autor, o texto da obra e os personagens. Essa pesquisa está fundamentada nas análises de Massaud Moises em "A Literatura Brasileira Através dos Textos", Hênio Tavares em "Teoria Literária", coleção Série Bom Livro, com o romance "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" Afrânio Coutinho com "A Literatura no Brasil", Carlos Nelson Coutinho [et.al] Realismo Antirrealismo na Literatura Brasileira etc.

Os autores e obras citados acima trazem informações sobre a biografia de Lima Barreto, dos seus romances, a escola literária que fez parte e algumas obras com características nas seguintes escolas Literárias: Realismo, naturalismo e Pré-Modernismo.

Este trabalho se destina a alunos de Ensino Médio, docente e discente do curso de Letras, História, Pedagogia, para pessoas que atuam em lutas sociais, principalmente as de raça e cor conforme aborda a obra. O autor critica e relata fatos no qual acontecem discriminação, marginalização das classes menos favorecidas, fazendo revelações da realidade social daquela época. Neste estudo estão sendo apresentados o autor Lima Barreto, a obra Recordações do Escrivão Isaías Caminha e personagens.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO

As produções literárias dos anos 1960 e 1970, dos escritores da última geração romântica, manifestam algumas tendências que marcavam uma literatura voltada para seu tempo, tem como característica a intenção de descrever em certos romances denúncias de problemas sociais. As características do Realismo e do Naturalismo eram semelhantes, buscavam provar uma teoria científica em relação ao comportamento humano, usando a ficção e seus personagens como laboratório de experiências.

No Brasil, no começo do século XX, sucediam várias transformações de modernização política, cultural e social do país, estava acontecendo a estabilização do regime republicano e uma grande disputa entre dois estados brasileiros, São Paulo e Minas Gerais. Essa disputa foi chamada de “política do café-com-leite”, além disso, nessa época ocorria a importação de mão de obra estrangeira para as indústrias e lavouras do Brasil, esse período ficou marcado por várias tendências artísticas do século XIX.

O Pré-Modernismo reuniu uma ampla produção literária que abrangeria os primeiros 20 anos do século XX, os autores desse período ainda estavam ligados aos modelos Realista-naturalista e Simbolista. E Lima Barreto utilizou uma linguagem mais simples e coloquial, dessa forma, o autor começava a representar um passo para a renovação moderna de 1922, escrevia com naturalidade e simplicidade, deixando de lado muitas vezes as normas gramaticais e de estilo, causando revolta aos conservadores.

Os movimentos literários no início do século XX começaram com descontentamento nas manifestações contrárias diante das transformações socioculturais e a quebra com a estética tradicional, fazendo com que surgissem várias correntes literárias, as chamadas Vanguardas e suas ramificações, que foram o Cubismo que nasceu na pintura em 1907, dando valor às formas geométricas, seguido do Futurismo que vem com a ideia de eliminar o passado, o Dadaísmo vem romper o bom senso e o equilíbrio, vem defender a destruição e a anarquia de valores e formas, acompanhados do Surrealismo, que é o movimento que é contra a destruição

dos dadaístas e a valorização sobrenatural, e do Expressionismo que é um movimento que caracteriza a arte sob momento do sofrimento humano.

Autores dessa época traziam o desejo de se expressar usando temas da realidade brasileira com a linguagem coloquial, se diferenciando dos modelos portugueses, utilizando em seus textos o bom humor, que era novo para a literatura e fugia dos padrões estéticos. Esses períodos se adequaram chamar de Pré-Modernismo, que não é considerada uma Escola Literária, por que não tem um grupo de autores que buscam o mesmo objetivo, esse movimento reuniu grandes produções literárias que inclui os primeiros vinte anos do século.

Hênio Tavares (2002) define Barreto e suas obras como Pré-Modernista com características realistas destacando temas sociais e ideologia naturalista, descrevendo e analisando personagens e relacionando ficção com realidade, devido ao referido autor fazer em suas obras relatos de sua vida pessoal, na qual em várias passagens ele é o personagem, descrevendo fielmente fatos de sua vida.

Lima Barreto é intitulado como "crítico marginal", combatente social em prol do respeito ao negro, na visão de Cereja e Magalhães (2003). Em suas produções há menções de críticas sobre determinados fatos históricos do Brasil, especificamente a classe média. Barreto foi um escritor que usou uma linguagem simples nas composições, demonstrando ser uma das vítimas. Uma das características usadas nos romances são os acontecimentos comuns do dia a dia, com o intuito de chamar a atenção da população através de críticas.

Moisés (2003) enfatiza que Barreto e suas obras constituíram um elo entre o Realismo e o Modernismo com humor bem brasileiro em seus romances satirizando através de personificação e situações e foi comparado como herdeiro de Machado de Assis, por adotar em seus textos a posse psicológica a mesma usada pelo autor supracitado, a sátira o humor e a ironia, destacando a imagem distorcida dos personagens.

2.2 REALISMO E NATURALISMO DE LIMA BARRETO

O Realismo se manifestou principalmente na prosa, já os romances realistas se tornaram meios de críticas ao comportamento burguês e às instituições sociais, vários escritores românticos entraram para a literatura realista. O marco inicial desse período no Brasil, foi à publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de

Machado de Assis. Nela o autor faz duras críticas à sociedade da época na qual, as pessoas tinham comportamento inadequado, que para Machado, fingiam ser o que não eram. Tem-se um estilo novo, o rompimento da narração tradicional simples, e o surgimento do realismo brasileiro.

O Naturalismo chegou ao Brasil no final do século XIX, abordando através das produções a realidade social brasileira, enfatizando a vida nos cortiços, o preconceito, a diferenciação social, entre outros, acontece junto com o Realismo que tem características parecidas, lutam por causas sociais e fazem críticas aos valores burgueses, esse movimento é a ruptura com o monopólio romântico da época, vem de uma renúncia prática da comum realidade do capitalismo.

Coutinho (1969) enfatiza que o Realismo é a tendência Literária que busca representar a verdade, a vida como ela é, para isso é usado a técnica da documentação e da observação, encara o homem e o mundo com objetivo de interpretar a vida, usando a realidade.

Os maiores representantes do Realismo foram Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis, o mesmo tornou-se um crítico sonhador em uma época com profunda desumanidade, exerceu uma grande influência positiva a quebrar a continuação da tendência intimista na qual ele se encontrava, esse foi um dos motivos que levaram Lima Barreto fazer ataques a Machado de Assis.

Coutinho *et al*, (1972) descreve que Lima Barreto foi injusto em combater a herança machadiana, e não percebeu que Machado de Assis representava um movimento com o mesmo objetivo, lutava por um legítimo Realismo crítico nacional-popular e assim, Lima estava em busca de uma Literatura que tivesse uma grandeza estética, mas com espírito popular democrático a favor dos menos favorecidos.

Sodré (1965) destaca que o Naturalismo surgiu em São Luiz em 1881, com a obra "O Mulato", os problemas relatados no mesmo, inaugurou o Naturalismo Brasileiro. No romance "O Mulato", o autor Aluísio de Azevedo, fala sobre a crítica social e o preconceito Racial, essa narrativa não foi bem aceita pela população maranhense, uma vez que o Naturalismo analisava a vida do homem de acordo com os fatores externos, como a raça, ambiente, classe social, etc. O escritor naturalista tentava comprovar, que o comportamento humano está submetido a normas iguais às que conduzem os fatos físicos.

De acordo com Coutinho (1969), existem duas direções: a primeira marcou a evolução do Realismo no Brasil, uma corrente social atraída pelos problemas sociais,

temas urbanos, pelos materiais comuns da vida cotidiana. A segunda, o Realismo deriva para o Naturalismo, isso acontece quando o mesmo assume uma posição filosófica, e se sujeita à luz de uma teoria e o movimento regionalista que põe em destaque, a cor, o papel da terra.

Sodré (1965) discorre sobre o movimento naturalista que surgiu em uma fase tormentosa, se deve ao fato de que o Brasil estava passando por muitas transformações, a urbanização, o aumento da burguesia Brasileira, o aumento a rede ferroviária, fundação de jornais entre outros fatores que ocorreram. O autor supracitado relata que Eça de Queiroz, enfatiza que o Naturalismo surgiu com a revolução industrial, para uma busca ativa de verdades científicas com finalidade de explicar os fenômenos naturais e sociais, na procura de novos conceitos do homem no mundo.

Com a revolução industrial aumentou o número de capitalistas voltados para o individualismo com total domínio burguês em relação à concentração de riquezas, fazendo com que surgissem características de uma nova sociedade, o processo naturalista no campo Literário. Esse processo naturalista vem procurar a realidade que a industrialização causou, deu um impulso para a burguesia em uma sociedade cheia de contradições entre comunidade urbana e a classe operária.

E Lima Barreto, diante da realidade social dessa época, não se situa ao lado dos industrialistas como seus contemporâneos progressistas, ele fez denúncias entre a moderna república e o imperialismo, a tendência agrarista e industrialista, essa união continuaria a excluir qualquer participação do público comum, conseguiu uma grande vitória do Realismo, dentro de uma sociedade que é marcada pelas transformações sociais.

Cereja e Magalhães (2005) ressaltam que o Naturalismo foi pioneiro em colocar o pobre, o excluído, o negro, o mulato discriminado, pessoas com doenças físicas e mentais em primeiro plano, com a intenção de fazer investigações sobre a situação dos mesmos, uma vez que, o movimento naturalista evidenciou a situação delas tornando objeto de estudo.

Coutinho (1969) descreve que a visão na vida do Naturalismo, é mais determinista e mecanicista, e discorre que o homem é um animal, e que ainda, observa-o por métodos científicos, uma vez que se preocupa com a aparência da inferioridade que tem como objetivo a melhoria das condições sociais, além disso, consolidava uma reação coletiva, atacando as instituições e figuras, que continha uma

atitude de luta aberta denunciando aquilo que sociedade da época estava sofrendo, reivindicavam reforma ou destruição.

O autor acima discorre que o Realismo procurava mostrar a verdade por meio do retrato fiel de personagens, encara a existência precisamente e fornece uma interpretação da mesma, descreve a vida contemporânea como preocupando-se com homens e mulheres com emoções e temperamentos, sucesso e fracasso, retira a maior soma de efeitos do uso de detalhes específicos. Esse movimento apoia-se principalmente nos sentimentos sensíveis, procura usar a linguagem mais próxima da realidade, da simplicidade e naturalidade.

Lima Barreto era contra as tendências esteticistas de sua época e escolheu o novo realismo em um período diferente da literatura brasileira, comparado com o modernismo. Em um de seus últimos artigos, dirigiu à semana de arte moderna, no vanguardismo futurista e seguia um estilo de exclusão com a estética tradicional, que substituíra por outra de inclusão, adotava por meio da integração da estética popular e da cultura dos subúrbios que eram esquecidas pelos modernistas, privilegiava os primitivos na cultura brasileira, como os índios, o sertanejo e os folclores africanos.

Esteticamente o naturalismo Brasileiro se mostrou incapaz de criar verdadeiros indivíduos capazes de se registrar na sociedade. Dessa forma, a batalha do homem não teria nenhum efeito, mas, o que diferencia é que o Naturalismo é mais específico, enquanto o Realismo-Naturalismo responde ao abandono social que predomina, analisando os desvios do comportamento humano como determinado fato constante e inflexível.

Segundo Cereja e Magalhães (2005) enfatizam que os escritores naturalistas usavam conhecimentos da Biologia, psicologia e sociologia para esclarecer fatos anormais individuais, fazendo com que na maioria das vezes, perdesse a realidade brasileira. Isso deve-se a tentativa de provar o comportamento do ser humano, fazendo da ficção experimentos que tentavam provar cientificamente o comportamento humano, mostrando que o mesmo é submisso às regras, comparando com as leis da física.

De acordo com Sodré (1965), o Naturalismo teve uma grande importância, abriu caminhos e esclareceu muitas concepções, dando aos leitores de hoje condições para avaliar porque a vida mudou muito. Através dessas concepções foi possível analisar uma sociedade em transformação pelo conhecimento do homem e

pelas ciências da natureza, mostrando que o bem e o mal não são problemas pessoais e sim sociais.

Coutinho (1969) relata que desde o período que o naturalismo se estabelecia no Brasil alguns problemas que haviam marcado no decorrer das gerações românticas, continuaram sem solução, principalmente o da escravidão. Diz que nesse momento histórico essas correntes literárias do século XIX, eram bastante conturbadas, uma vez que o registro da tendência Realista/Naturalista, então, pode ser encontrado em todas as épocas.

O autor supracitado discorre que o naturalismo consolidava uma reação social através de seus ataques a instituições e figuras, a uso e costumes causando polêmicas, isso o diferencia do realismo.

2.3 PRÉ-MODERNISMO E MODERNISMO

O Pré-Modernismo é o período das primeiras transições que ocorrem no início das décadas do século XX, no qual o Brasil passou por várias transformações que direcionavam para uma modernização da vida política, social e cultural do país. De um lado, encontram-se as tendências Simbolistas e Parnasianistas da metade do século XIX, e do outro, as peculiaridades regionalistas e governamentais que levariam a renovação modernista.

Uma das características dessa fase está na diferença dos escritores, nos objetivos das obras, muitas delas têm influência dos estilos anteriores, contendo inovações para a fase moderna. Por não constituir uma estética literária esse movimento registra o momento de transição do velho para o novo, em que conceitos artísticos diferentes, opõem-se se unem e confundem-se.

Segundo Megale e Matsuoka (1980), o termo Pré-Modernismo foi criado por Tristão de Ataíde, e define todas as transformações e movimentos que aconteceu antes do Modernismo. É possível notar na Literatura algumas características de escritores Realistas, Naturalistas e Parnasianos, com uma renovação dos escritores Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, introduzem na Literatura uma nova realidade Brasileira.

Cereja e Magalhães (2003) ressaltam que do ponto de vista cultural, o Pré-Modernismo foi um período marcado pelo convívio de várias tendências artísticas do século anterior, e algumas inovações de formas e conteúdo, umas das novidades

observadas nas produções Literárias, foram o interesse pela realidade brasileira e a busca de uma linguagem mais simples e coloquial com caráter social. Nos escritos de Lima Barreto, é possível notar com clareza um importante passo para a renovação modernista, o mesmo escrevia com simplicidade e, por algumas vezes, ignorava as normas gramaticais que provocava irritação aos conservadores da época.

Nicola (1993) enfatiza que as características do Pré-Modernismos são marcadas pela quebra do passado, e a denúncia da realidade brasileira, que fazem parte os marginalizados, a ligação com fatos políticos econômicos e sociais, juntamente com o regionalismo com escritores como Euclides da Cunha que destacava a região Norte e Nordeste, Monteiro Lobato falava muito do vale do Paraíba e do interior paulista, Graça Aranha com o Espírito Santo e Lima Barreto que falava do subúrbio Carioca.

Nesse período, falava-se dos grupos considerados marginalizados, que eram os mulatos, o caipira, o nordestino e os funcionários públicos. Em relação os fatos ligados à política, economia e o social. Lima Barreto ponderava do governo de Floriano e a revolta da armada, no romance o Triste Fim de Policarpo Quaresma, Euclides da Cunha relatava Guerra de Canudos, Monteiro Lobato discorria sobre café pelo Vale do Paraíba na narrativa Cidades Mortas e Graça Aranha abordava na obra Canaã sobre a imigração alemã no estado de Espírito Santo.

Megale e Matsuoka (1980) descrevem que Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Lima Barreto passam a contestar determinadas situações sociais, históricas e econômicas comum do nosso meio, como a situação dos sertanejos nordestinos, a miséria do povo brasileiro que vive nas áreas de empobrecimento econômico, na mudança social na vida das pessoas e das cidades. Essas questões estão relatadas nos romances de Barreto.

Os escritores do Pré-modernismos se adéquam a essa nova ideia de progresso do final do século, colocando seu trabalho e conhecimento em benefício da construção da nação, e de acordo com os princípios de desenvolvimento, tendo sua participação na renovação da mesma. Com toda essa modernização e progresso, o país entrava na era capitalista sem ter os impedimentos da "via prussiana", a mudança social ainda parecia virar uma possibilidade concreta.

O Modernismo teve início com a chamada semana de 22, que foi um movimento literário e artístico do início do século XX, que apresentava como objetivo romper com o tradicionalismo, uma vez que essa mudança começou nas

artes plásticas destacando a pintura, que foi realizado por um grupo de artistas que tinham a intenção de deixar a cultura brasileira informada das correntes das Vanguardas Europeias, foi definido historicamente na semana de 22, que se estende até os dias atuais.

De acordo com Nicola (1993), a Semana da Arte Moderna foi um movimento artístico, que deveria ser também como ação política e social. Isso se deve ao fato de que antes a política funcionava em forma de oligarquia e a transformação das cidades ocorria com a industrialização e a imigração dos Europeus para o Brasil. Nos centros urbanos havia uma população pressionada pela Burguesia e “Barões do Café” e, por outro lado, pelos operariados, uma vez que é possível notar que o País era dividido entre o rural e o urbano.

Jobim e Souza (1987) discorrem que o ano de 1922, foi fundamental para os Modernistas, essa é a data do centenário da independência do Brasil e a Semana da Arte Moderna, foi planejada com intuito de surpreender o público, mas a plateia presente rejeitou as novas tendências artísticas com vaias. O fato de não ser aprovado por parte da população, o modernismo chamou a atenção de muitos, dando possibilidades a autores aderirem o movimento, que adquiria características próprias com o passar do tempo.

De acordo com Henriques *et al*, (1972), o evento da Semana da Arte Moderna não vai mudar a literatura pobre que é a literatura Brasileira, deve-se ao fato de que poucos romancistas brasileiros assumiram o romantismo, existem obras, movimentos, livros e autores, mas todos, afastados sem a tradição literária, não teve grande repercussão e não recebeu atenção dos jornais da época que aos poucos foi ganhando uma grande importância histórica, uma vez que a intenção era de combater a arte tradicional.

Jobim e Souza (1987) ressaltam que o Modernismo foi dividido em três períodos, sendo o primeiro de 1922 a 1930, o segundo de 1930 a 1945, e o terceiro 1945 a 1956. Com a Semana de Arte Moderna, deu-se o começo da chamada de Primeira Fase do Modernismo ou Fase Heroica que vai de 1922 a 1930, esta fase tem como característica um grande compromisso dos artistas com a modernização estética que se beneficia com estreitas relações com as Vanguardas Europeias, cubismo, futurismo, surrealismo, etc.

Nicola (1993) discorre a primeira fase do modernismo como um período que foi rico em manifesto e revista de vida passageira, elas faziam parte de um grupo que

buscavam uma definição. A segunda fase vai de 1930 a 1945, foi chamada de fase da consolidação, tem como característica o domínio da prosa de ficção, nessa os ideais da fase Heroica se espalham e regularizam seus esforços antes de reestabelecer a linguagem artística unindo-se pelos temas nacionais.

De acordo com Cereja e Magalhães (2005), os modernistas da segunda geração se voltam para a realidade brasileira com a intenção de fazer denúncia social e engajamento político, unindo ideias e análises tanto sociológica como psicológica nos novos métodos narrativos. A terceira fase do Modernismo vai de 1945 a 1960, nessa fase os escritores procuravam escrever poesias equilibradas e sérias, nela foi criado um grupo de escritores chamados de Geração 45.

Tufano (1985) postula que o modernismo Brasileiro costuma ser dividido em duas fases, o período de destruição que vai 1922 a 1930, e o período de construção 1930 a 1945. A primeira fase é aquela que a geração modernista estava preocupada em divulgar novas ideias, e não desanimar com as críticas diante da literatura tradicionalista, a segunda geração modernista estava se estabelecendo com suas obras, se impondo pelo talento e visão de mundo.

2.4 BIOGRAFIA DE LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto, filho do casal de mulatos Amália (professora) e João Henriques de Lima Barreto (tipógrafo). Nasceu no Rio de Janeiro, em uma sexta-feira - 13 de maio de 1881. Filho primogênito, e o seu nome foi escolhido porque seu pai quisera homenagear um amigo importante, o senador chamado Afonso Celso. Por este motivo foi batizado como Afonso Henriques de Lima Barreto.



Imagem 1 - Afonso Henriques de Lima Barreto. Fonte: <http://www.ibamendes.com/2011/09/lima-barreto-e-machado-de-assis.html>

Sua mãe morreu aos 35 anos e Lima Barreto ainda era criança, frequentou escola pública em 1897. Antes de ingressar em um curso superior no Colégio Paula Freitas, prestou cursinhos pré-vestibulares, tornou-se estudante na Escola Politécnica do Rio de Janeiro para cursar Engenharia Civil, mas surgia nele a habilidade da escrita, a princípio na mesma escola já sentia na pele a dureza do preconceito.

No ano de 1902 seu pai ficou louco, e como filho mais velho, teve que abandonar os estudos para cuidar da família. Prestou concurso para Amanuense que naquela época era chamado de escriturários, começou trabalhar em outubro de 1903, na secretaria de guerra para sustentar sua família, foi nessa época que conheceu Domingos Ribeiro Filho, escritor, revolucionário e frequentador dos cafés do centro da capital, e foi através dele que o escritor passou a visitar os mesmos ambientes nos quais conheceu pessoas do meio jornalístico e em pouco tempo começou a escrever para alguns jornais, dessa forma ele chegou ao Correio da Manhã, o jornal mais importante do Rio de Janeiro naquela época. (Barreto, 1998)

Além disso, Lima Barreto escrevia de forma desordenada, planejava mais de uma obra, porém não terminava nenhuma. Em 1906, pediu sua primeira licença de saúde, afastou-se do ministério por algum tempo, mas não afastou-se do jornalismo e da Literatura, continuava a escrever por que gostava. No ano de 1907, juntamente com alguns amigos fundou a revista "Floreal" que pretendia abrir espaço aos escritores que produziam jornalismo e literatura militante, aqueles que pretendiam denunciar problemas da sociedade em que viviam. A revista chamou atenção de poucos críticos, mas, logo a publicação da revista foi encerrada e com isso Lima Barreto não tinha como publicar seus romances. (Barreto, 1998)

Decepcionado, começou a beber em excesso e passava o todo tempo procurando um editor para suas obras. Havia uma editora chamada Garnier, mas só publicava autores consagrados, teve a ideia de editar em Portugal o livro "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" uma pesada Crítica a discriminação e a imprensa da época, e ao mesmo tempo um tipo de autobiografia.

Em seguida, recebeu a notícia do editor com a possibilidade de publicar o livro, mas como condição que concordasse a não receber nenhum centavo em direitos autorais, logo, Lima aceitou, ficou quase um ano na ansiedade de ver a obra publicada. Enquanto a publicação não saía, o álcool era a sua companhia. Em novembro de 1909, o romance "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" foi publicado em Lisboa. (Barreto, 1998)

A publicação dessa obra não teve a relevância que gostaria que tivesse, poucos jornais notaram o romance e Lima Barreto ficou muito decepcionado, sem dinheiro e sem o reconhecimento e se afundou no álcool. Em 1910, pediu uma nova licença para tratamento de saúde e no ano 1911, o romance "Triste fim de Policarpo Quaresma" foi publicado em folhetins pelo Jornal do Comércio e, em 1915 divulgou o texto "Numa e a Ninfa". Em consequência do alcoolismo passou a ter alucinações, por isso foi internado por dois meses em um hospício.

Para publicar algumas obras e artigos, Lima fazia empréstimos de dinheiro e por isso, em 1917 o escritor já devia 20 contos de réis a vários credores, a dívida era uma fortuna para ele, uma vez que era um simples funcionário público. Sua paixão pela literatura o deixava mais endividado, candidatou-se à academia de Letras, mas não foi eleito. No ano de 1918, internou-se novamente para tratamento de saúde, em seguida pediu aposentadoria de seu cargo no Ministério da Guerra. Mediante diagnóstico médico a aposentadoria foi concedida por invalidez ao serviço público. (Barreto, 1998).

Em 1919 publicou a obra "Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá", no mesmo ano candidata-se novamente à Academia Brasileira de Letras, para a vaga deixada pela morte de Emílio Meneses, e novamente não foi aceito. Na noite de natal do mesmo ano, teve um surto e ficou no hospício até 1920. No ano de 1921, candidatou-se novamente pela terceira vez para a Academia Brasileira de Letras, mas com medo de não ser aprovado retirou a candidatura. E em 1º de novembro de 1922, morreu no Rio de Janeiro aos 41 anos, vítima de ataque cardíaco.

Lima Barreto foi um dos maiores romancistas urbanos e seus livros ganharam repercussão depois de sua morte. Escreveu gêneros como romances, sátiras, contos, textos jornalísticos e críticas. Abordou em suas obras as grandes injustiças sociais, fez críticas ao regime político da República Velha que tinha tendência literária fora dos padrões da época, seu estilo era informal, simples e claro deixando marcas no momento de transição entre o Realismo e o Modernismo.

Descumpriu o nacionalismo ufanista e deixou evidente uma nova representação da República, porque queria que sua literatura fosse militante e o fato de ter vocação para a escrita permitiu abordar criticar, sobre os fatos sociais, com objetivo de despertar alternativas renovadoras de costumes e práticas. Todos os seus romances trazem um traço autobiográfico, mostra uma descrição exata dos subúrbios carioca e de sua população.

Romancista, funcionário público, mestiço de origem humilde, obtivera uma vida sofrida com distúrbios psíquicos e seus romances evidenciam a crítica social que variam entre sátira e indignação. Algumas de suas obras pôde privilegiar os pobres e seus textos críticos continham expressões humorísticas. Para ele, escrever era uma forma de denunciar as investigações em relação às desigualdades sociais.

Certas narrativas demonstram fatos de sua vida atormentada, expressando preocupação crítica em relação aos problemas sociais, padrões, valores, instituições nacionais, alguns fatos do funcionalismo Público, da vida militar, imprensa e vida rural. Todos esses fatores contribuíram para que Barreto expressa-se através de sua escrita, evidenciando a população pobre que era marginalizada e excluída.

Além disso, foi o romancista mais importante do Pré-Modernismo, e suas críticas chamaram muito à atenção para seus defeitos, relacionadas ao seu estilo e incorreções, usava um gênero simples sendo que naquela época a linguagem tinha que ser rica e de muito prestígio. Trata-se de um intelectual que, através de suas obras, conseguiu conduzir para a literatura o clamor preso das camadas pobres da população.

Deixou muitas narrativas prontas e outras inacabadas, os romances foram: "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", o primeiro escrito, sendo o segundo a ser publicado. E o primeiro a ser divulgado "Triste fim de Policarpo Quaresma". Em seguida publicou as obras "Numa e a Ninfa" e "Vida e Morte de M.J Gonzaga de Sá" que o romance considerado por ele mais bem-acabado, e "Clara dos Anjos" foi exposto após sua morte. E as Sátiras foram: "Os Brunzundanga" e "Reino do Jambor". Os Contos foram as obras: "Histórias e Sonhos" e "História e contos Argelinos". Seus artigos e crônicas: "Bagatela", "Feiras e Mafuás", "Marginália" e "Vida Urbana"; entre outros como: "Diário Íntimo", "Cemitérios dos vivos", impressões de leitura e correspondência ativa e passiva.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Este estudo foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, em relação às obras de Lima Barreto em especial o romance “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”.

De acordo com Severino (2007) a pesquisa bibliográfica é aquela realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizando dados teóricos feitos por outros pesquisadores já registrados, os textos transformam-se em fontes dos temas a serem analisados e o pesquisador se fundamenta nos autores de estudos catalogados.

Martins Junior (2014) define como um tipo de trabalho de conclusão de curso em que o pesquisador somente utiliza publicações impressas ou eletrônicas. Para isso, o pesquisador se embasará de fontes que encontrará em bibliotecas universitárias, municipais e particulares, secretarias de determinadas instituições, redações de jornais, estabelecimentos, clubes, lan-houses e outros locais.

Xavier (2010) discorre que pesquisa bibliográfica é uma forma de investigação em busca de respostas que estão contidas em material gráfico, sonoro ou digital, encontrados em bibliotecas reais ou virtuais. O pesquisador faz um levantamento de trabalho já realizado, sobre um determinado tema e cataloga-os com o propósito de analisar e reinterpretar e criticar.

Segundo Prestes (2012) uma pesquisa bibliográfica é aquela que tenta resolver um problema ou adquirir conhecimento a partir de um emprego predominante de informações, vinda de temas já trabalhados por outros estudiosos. Essa pesquisa é capaz de atender aos objetivos tanto do aluno em sua formação acadêmica quanto de outros pesquisadores na construção de trabalhos inéditos.

De acordo com Lakatos (2003), na pesquisa bibliográfica primeiramente escolhe-se um tema a ser pesquisado, selecionar um assunto, um objeto a ser investigado cientificamente, dispor de tempo para pesquisar, distinguir o sujeito e o objeto da questão, reunir o material pesquisado e analisar as pesquisas para chegar a um resultado.

Fonseca (2002) afirma que comumente qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, porque permite ao pesquisador conhecer o que já se

estudou sobre o assunto. Desta forma, é importante realizar a busca de referências teóricas publicadas, para que se tenha o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Quanto à pesquisa qualitativa, Lakatos (2010) ressalta que primeiramente deve-se realizar a coleta dos dados para poder elaborar uma base teórica que é constituída por conjuntos de conceitos, princípios e significado a estrutura conceitual pode ser uma hipótese elaborada com uma ou mais opiniões, estabelecendo relações com a teoria. O pesquisador tem a liberdade de escolher um método para realizar seu trabalho, porém, na escrita deve ser coerente, objetivo, ser original, ter confiança e criatividade na realização da coleta e análise de dados.

Carvalho (2003) ressalta que a pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de várias fontes e informações escritas para coletar dados gerais e específicos sobre determinado tema, o explorador precisa ter definindo o objeto de estudo a pesquisar, essa pesquisa se divide em três fases, que são: identificação de fontes seguras; localização das fontes; e reunir informações.

3.2 COLETA DE DADOS

Neste estudo foi analisada a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* do autor Lima Barreto, afim de identificar a tipologia de discriminação e preconceito descrito no romance. Para complementar a pesquisa foram utilizados vários meios de pesquisa como livros, artigos da internet, para embasar a reavaliação da literatura e fazer um resumo das contribuições científicas sobre as ideias do Realismo, Naturalismo, Pré-Modernismo, Modernismo e as questões raciais. Em seguida a verificação das fontes bibliográficas, e por várias vezes foi feito a leitura da referida obra para fazer análise do tema abordado.

Mostrou-se fatos relacionados ao preconceito e discriminação, no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, na qual autor Lima Barreto faz forte crítica à sociedade hipócrita e preconceituosa e a imprensa. A linguagem do romance é Pré-Modernista por ser mais acessível a um público diversificado, nessa narrativa descreve eventos da vida real por trás de uma fachada de ficção.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 RESUMO DA OBRA: "RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA".

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, é o primeiro romance de Lima Barreto, nele o autor descreve a história de Isaías Caminha, um jovem pobre do interior, filho de uma mulata com um padre, que admirava seu pai pela cultura, foi um bom estudante inteligente, pensando em seu futuro e de sua família resolve deixar o campo e vai para cidade grande instruir-se, desejava ser diferente dos moradores do interior.

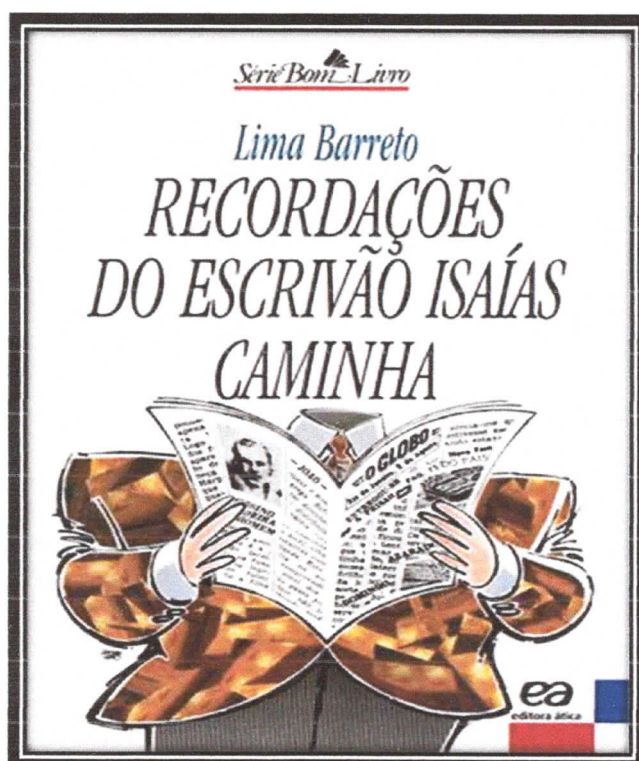


Imagem 2 - Romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/p/recordacoes-do-escrivao-isaias-caminha-54909>

O adolescente observa a desigualdade afetar sua família, através de seu tio Valentim, e consegue uma carta de recomendação para um político importante, e decide ir para o Rio de Janeiro, estudar e tornar-se Doutor, acreditando que o título lhe daria respeito e consideração de todos. Barreto descreve esse fato.

Foi com esse sentimento que entrei para o curso primário. Dediquei-me açodadamente ao estudo[...] acentuaram-se tendências; pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação é a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejos, de aspirações indefinidas (BARRETO, 1998,p. 21).

Isaías de posse da carta feita pelo Coronel Belmiro, ficou muito feliz com as recomendações para que o Doutor Castro arranjasse um emprego na cidade, sonhando que com ela sua vida mudaria, uma vez que teria um emprego, estudaria e sua situação no Rio estaria garantida e com o título de Doutor não dariam importância para sua core assim, teria direitos especiais e privilégios.

Na sua pobre casa com sua mãe ele a observava, disse a ela que assim que se estabilizasse no Rio mandaria buscá-la e alugaria uma casa para eles. Na partida do jovem sua mãe o recomendou que não se mostrasse muito devido a sua cor. Na obra ele descreve dessa forma.

Minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim dos quais seria doutor! [...] resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e o onímodo de minha cor [...] sempre com aquela visão doutoral que não me deixava. Quantas prerrogativas, quantos direitos especiais, quantos privilégios esse título dava (BARRETO, 1998, p. 26).

A viagem foi chata, em uma estação Isaías sentiu fome e foi a um balcão onde tinha café e bolo, lá haviam muitos passageiros, se serviu e depois pagou, o atendente custou devolver-lhe o troco, e o adolescente reclamou a demora, o atendente se irritou e disse a ele que ali ele não roubava, ao lado do jovem um rapaz loiro de olhos claros, também reclama seu troco e logo foi atendido, isso magoou o jovem, que não entendia o porquê da diferença no tratamento.

Magoado dormiu e quando acordou já era começo de noite, com umas horas a mais chegariam à estação terminal, mas a viagem ainda não terminara, passaram para uma barca que atravessou o lago da Baía. O jovem sentiu-se outro, alegrou-se e antes da barca atracar já era noite, na cidade claros de fogos brilhavam e enfim chegaram. Isaías se decepcionou quando entrou na cidade do Rio de Janeiro, achou o lugar feio, se sentiu enganado, como se tivesse levado uma bofetada pelas pessoas que diziam a ele que era uma cidade majestosa e bela, ruas feias, estreitas, cheias de lama, que autor demonstra da seguinte forma:

O contraste feriu-me, e com os olhares que o presente me lançaram, mas cresceu minha indignação [...] trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da indiferença dos dois tratamentos [...] o torpor tomou-me mais fortemente e por fim dormir, dormir não sei quantas horas, não sei quantos minutos. Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção [...] enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa (BARRETO, 1998, p.29).

A rua do ouvidor que Isaías viu de longe, movimentada e iluminada diminuiu a decepção. Antes de viajar o jovem se informou sobre os hotéis da cidade e foi recomendado que se hospedassem no hotel Jenikalé, que ficava na praça da república com preço baixo, para aonde foi com intenção de demorar poucos dias, até conseguir a indicação do Deputado Castro. Foi jantar em uma mesa na qual, haviam muitas pessoas que falavam de todos os assuntos, mas evitou conversar com qualquer pessoa, no fim do jantar um homem lhe dirigiu a palavra falando que acreditava terem viajado juntos, o rapaz disse que não lembrava e que havia dormido em quase toda a viagem.

O desconhecido continuou a conversar falando que viajou a negócio era de Itaporanga e dono de uma padaria, com a conversa o jovem disse que foi ao Rio para estudar. Laje da Silva o padeiro aproveita e o convida para darem uma volta, o homem começou a chamar Isaías de Doutor e esse tratamento, o deixou muito contente, foram ao teatro lá encontraram um amigo de Laje, o Raul Gusmão um jornalista, que os tratou com certo desdém, mas o adolescente evitava falar muito, com receio de ser ignorado pela sua cor.

Outro colega de Laje da Silva era o Oliveira do Globo, que olhou com indiferença para Isaías, mas logo o desprezo passou e começou a falar de política e geografia. No dia seguinte, o rapaz refletiu sobre as atitudes dos dois jornalistas, percebeu que eles observaram a relação de amizade do padeiro com ele, era estranho um homem de Itaporanga ter amizade com um adolescente no Rio. No almoço o jovem foi avisado que Laje havia saído e só voltaria à tarde, após o almoço foi andar pelas ruas, depois pegou um bonde e foi até a câmara com a intenção de entregar a carta ao Doutor Castro, mas, na Câmara o porteiro disse que só entrava com ingresso e era bom o jovem procurar o deputado na casa dele.

Isaías foi assistir à sessão que era aberta ao público no último degrau da arquibancada, e viu o jornalista Raul Gusmão, quando estava quase para ir embora avistou o Laje da Silva. Os dois saem juntos da câmara, o jovem foi pela Rua do Ouvidor, lembrando da sua casa e a mãe no interior, mas logo Laje o chamou, estava acompanhado pelo Doutor Ivã Gregoróvitch Rostóloff, um jornalista o qual foi apresentado.

O jornalista conversava bastante dizendo que escrevia em dez idiomas, que esteve na Índia, China, Japão, Paris. etc. Perguntou a Isaías em que era formado, e qual área iria estudar, Gregorósvitch mostrou-se simpático e amável parecia

inteligente. Andando pela rua passaram por um batalhão de oficiais arrogantes, era a primeira vez que o jovem via a força armada do Brasil.

Enquanto conversavam, se sentia indignado porque procurava o deputado várias vezes no Hotel Términus, mas toda às vezes ouvia um “não está”, andava preocupado porque seu dinheiro estava acabando e não conhecia ninguém, as idas e vindas ao hotel continuavam, mas não encontrava o Doutor Castro, sem nenhum familiar, os únicos amigos eram as poucas notas que ainda restava em seu bolso evitando as humilhações e o sofrimento, uma vez que para ele cada nota era muito valiosa.

Os primeiros dias no Rio de Janeiro passou sem apoio, certa noite Isaías foi andar em uma praça quando uma mulher chorando falou de suas dificuldades e que seus filhos passavam fome. O jovem lembrou-se das histórias que as divindades vêm à terra disfarçado para testar os corações das pessoas, deu como esmola uma nota de grande valor, e esperou a recompensa do céu pelo ato.

À noite imaginava e relembrava sua infância, em seus primeiros dias no Rio Laje da Silva foi quem teve as melhores considerações respeitadas com ele, mas o jovem não confiava muito no padeiro, às vezes fugia, mas não tinha coragem de mostrar que não se interessava pela amizade, aceitava a companhia, porém desconfiava com medo que o metesse em alguma enrolada com a polícia. O autor relata da seguinte forma:

Vinha a noite aos poucos e eu continuava a pensar, acariciando cismas, exercitando recordações, rememorando a minha infância, as fisionomias que ela viu e os fatos que presenciou [...] o mesmo Laje da Silva, mesuroso, afável, informado e loquaz a seu jeito. Não sei o que esperava de mim, o certo é que durante os meus primeiros dias no Rio, recebi dele a mais respeitosa homenagem, as maiores considerações [...] continuava a sentir no padeiro muito de desonesto, de falcatrueiro, para me ligar inteiramente a ele[...] aceitava-lhe as homenagens, os refrescos, conversava, mas sempre com um pequeno medo de que ele me metesse nalguma embrulhada com a polícia (BARRETO, 1998, p.48).

Isaías estava preocupado com sua situação, sem emprego e o dinheiro acabando, decidiu sair bem cedinho para ir ao Hotel Términus, estava fechado e esperou até que um rapaz aparecesse e lhe desse as informações sobre o Deputado Castro. Foi informado que o deputado estava em outro endereço, dirigiu-se para o local indicado e chegando ao novo endereço, o deputado ainda não havia acordado, o jovem esperou por meia hora até ser recebido, foi logo lhe entregando a carta e o político pediu que o procurasse no escritório.

Na volta para o hotel comprou um jornal e viu a notícia que o deputado iria para São Paulo estudar a cultura do café, ficou indignado e com raiva da notícia, sentiu-se enganado. Percebeu que todo seu esforço foi em vão, naquela situação aceitaria qualquer emprego. No bonde um indivíduo passou por ele e o empurrou derrubando seu jornal e não pediu desculpas, Isaías mais uma vez se sentiu humilhado.

Ao voltar para o hotel o jovem encontra o doutor Gregoróvitch e ele o convidou para almoçar, trocaram algumas ideias contando um pouco de suas vidas, relatou que era da Romênia, tinha cinquenta anos e possuía capacidade de aprender todas as línguas em três meses. Por volta das duas horas foi ao hotel, lá recebeu uma intimação do delegado, dirigiu-se para a delegacia, mas não sabia o que iria fazer, ouviu que houve um roubo, no hotel que ele estava hospedado. Sentado, lembrou da conversa que teve com Gregorósvitch que o incentivou a trabalhar pela grandeza do Brasil.

Às quatro horas chegou um homem perguntado se o mulatinho no caso do Hotel Jenikalé já havia aparecido. Isaías se ofendeu com as palavras do homem, sentiu-se indignado porque as palavras foram ditas por uma pessoa representante do governo que tinha conhecimento dos direitos e do tratamento de respeito que devia tratar o jovem.

O escrivão Viveiros começou a perguntar qual era sua profissão, o adolescente respondeu que era estudante, em seguida o inspetor saiu da sala para conter duas mulheres que brigavam na delegacia, passava das seis horas quando a autoridade chegou, Capitão Viveiro, o escrivão e o delegado e o jovem foi levado para a presença deles.

Novamente foi interrogado e pela terceira vez foi lhe perguntado qual era sua profissão e o jovem respondeu chateado que era estudante, duvidando a autoridade perguntou se conhecia o verso "estava mudo e só na rocha de granito?", o jovem disse não saber, o superior disse que ele não era estudante e não passava de um malandro, Isaías disse que não podia acusá-lo de malandro. Mais uma vez se sentiu injustiçado sem motivos, o delegado ordenou sua prisão. Lima Barreto descreve esse fato da seguinte maneira:

Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer que, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessário aliás, porque não o pus a menor resistência. As lágrimas correram – me e eu pensei comigo: A pátria! (BARRETO, 1998, p. 64).

Isaías ficou preso mais de três horas, depois foi levado novamente à sala do delegado, dessa vez foi tratado de forma diferente, com simpatia sendo chamado de filho, ele respondeu às perguntas secamente e chateado, depois pediu desculpa pela forma que reagiu, e o delegado perguntou se tinha amigos ou parentes, e o jovem respondeu que conhecia o Doutor Ivã Gregoróvitch.

O superior se surpreendeu ao saber, em seguida disse ao jovem que fosse embora e que se mudasse, pois, os roubos sempre aconteciam e o culpado nunca aparecia, pediu para não dizer nada ao Doutor Rostóloff. Isaías entendeu que o dono do hotel havia o acusado de roubo. Voltou para seu quarto, e pôs-se a pensar em retornar para sua família, mas, logo desistiu de voltar para sua casa e lutar.

Certa manhã, em um café comprou um jornal e começou a procura anúncios de “precisa-se”, viu um para acompanhar cesto de pães, foi até o proprietário do anúncio e se apresentou como interessado na vaga, o homem olhou e disse que ele não servia, mais uma vez o jovem sentiu-se humilhado, teve a impressão de estar em um país estrangeiro, naquela situação teve vontade de se embriagar, via que as pessoas que andavam ao seu lado o olhavam com desprezo. Precisava sair do hotel estava sem dinheiro, pagou a pensão e ficou com uns seis mil e precisava deixar o hotel. Saiu pela cidade, quando Agostinho Marques o parou na rua, perguntando como estava. O autor relata da seguinte forma:

[...] pus-me a ler o jornal, os anúncios de “precisa – se”. Dentre eles. Um apareceu-me aceitável. Tratava-se de um rapaz, de conduta afiançava para acompanhar um cesto e pão [...] fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento [...] examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando – me as costas com mau humor: Não me serve. [...] eu saía literalmente esmagado [...] era uma desigualdade absurda (BARRETO, 1998, p. 70).

Decepcionado, o jovem tinha mais vontade de beber do que procurar emprego, vendeu seus livros para arrecadar dinheiro, esperava resposta de uma carta que enviou para sua mãe, não demorou a responder, mandando cinquenta mil-réis e com esse dinheiro, alugou um quarto e evitava a andar pela Rua do Ouvidor e a encontrar o Laje da Silva que começou a tratar-lhe de outra maneira.

Em um dia almoçava e no outro só jantava, Isaías conheceu um vizinho, Aberlado Leiva, era poeta e revolucionário, começaram a passear juntos, certa noite foram ao parque Fluminense, onde Isaías encontrou Agostinho Marques, revelou que trabalhava como citador do Doutor Leitão.

O mesmo fez de Isaías seu professor, a cada dia o jovem fazia amigos entre pessoas importantes, era cumprimentado por cada um. Enquanto Agostinho esteve no Rio, Isaías ganhava roupas e tinha como pagar o quarto e a comida. Em um certo dia, Agostinho disse que ia para um estado do Norte e que iria demorar uns dois a três meses.

Novamente jovem ficou sem ajuda vendeu suas melhores roupas e tudo que tinha de valor, começou a passar dias inteiros sem tomar café, novamente espera resposta de uma carta enviada para sua mãe, seu Tio Valentim respondeu a carta dizendo que eles estavam passando por uma crise e que sua mãe estava doente desenganada. As recordações de sua mãe vieram a sua mente, e seus olhos começaram a chorar.

Logo aparece Gregoróvitch Rostóloff e Isaías contou sobre sua vida, Gregoróvitch pediu que o procurasse na redação de O Globo. Às sete horas, o jovem foi até a redação, as pessoas mais importantes do jornal ainda não haviam chegado, Aires D'Ávila disse que tinha que esperar um pouco que ele só chega às oito horas.

O funcionamento da imprensa é relatado e as características dos grandes jornalistas, desde o diretor de O Globo, Ricardo Loberant aos demais redatores. O diretor é retratado como autoritário temido por todos, tem como prioridade o aumento das vendas do seu jornal. São apresentados os funcionários como Aires D'Ávila redator-chefe, Leporace secretário, Adelermo Caxias, Oliveira, Menezes, Frederico Lourenço do Couto o Floc e Gregoróvitch. O jornal fazia crítica ao governo.

Com os anos que trabalhou no O Globo, observou que o diretor do jornal era como um rei que todos deviam reverenciar. O jovem viu que os chefes não tinham conhecimento e não sabiam escrever, admirou-se porque nas ruas esses homens eram tratados como semideuses e defensores do povo. Aos poucos foi esquecendo os dias difíceis que passou, já tinha quarto, cama, almoçava e jantava, ganhou um terno de Gregoróvitch, enquanto trabalhava como contínuo, custou a se acostumar com cargo, mas logo aceitou.

A vida mudou e surgia dificuldades para se acostumar com a nova situação, começou a comprar suas próprias roupas, mas achava caras, seu salário aumentava com as gorjetas que variavam de duzentos a quinhentos réis, estava feliz como contínuo na redação de O Globo, com o tempo ficou satisfeito com sua posição. O autor relata da seguinte forma:

Aos poucos, esqueci-me dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. Tinha já um quarto, cama e um lavatório de ferro, pensão de almoço e jantar [...] Gregoróvitch dera-me um terno de roupa e por todo tempo que foi contínuo, conheci vários alfaiates caros por intermédios do corpo dos outros [...] No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo mas consolei-me logo [...] quando a minha situação mudou, foi-me preciso grande esforço, para me habituar a compra roupas em primeira mão [...] considere-me feliz no lugar de contínuo na redação do O Globo [...] um ano depois chaguei até ter orgulho da minha posição (BARRETO, 1998, p. 98).

Isaías não estudou mais, só se interessava em fazer as leituras do O Globo, construiu um pensamento jornalístico para usar e fora da redação do jornal sentiu-se superior a todos só porque fazia parte de um jornal, na qual todos eram considerados gênios, Laje da Silva o cumprimentava friamente e Abelardo Leiva, vizinho de quarto quem ensinou boas maneiras, e com o tempo se afastaram e de longe o tratava bem.

Havia uma batalha entre o governo e o jornal, um dia estava com o prefeito outro dia estava com a oposição, o poder executivo tinha medo de fracassar e esperava. O conselho municipal aprovou e sancionou a lei dos sapatos e determinou o uso obrigatório dos calçados, seguindo à moda da Inglaterra, mas a população não deu importância, no dia da determinação houve um crime que chamou a atenção de todos.

Esse crime movimentou toda a redação do O Globo para dar a notícia em primeira mão para o público, os serviços foram divididos, cada repórter e redator ficou responsável em uma parte do jornal. Em busca de notícias, o crime foi de grande repercussão pública que durou sete dias. O laudo do doutor Franco, dizia que o homem morto era mulato descendente de negros. Após oito dias, o assassinado foi identificado, o homem era Pascoal Martinelli, um Italiano. Um dia antes da descoberta da identidade do falecido, o doutor Franco era nomeado diretor do serviço médico legal.

Depois de se mudar do Hotel Jenikalé, Isaías foi para uma casa de cômodos, na altura do Rio Comprido, era longe, mas o aluguel era barato, em um cômodo, às vezes moravam famílias inteiras e ali o jovem pôde ver que a miséria prende os homens, parecia que toda aquela gente pobre vive separada pela nacionalidade ou cor. Nos domingos pela manhã, observava as crianças brincarem, todos juntos, sem diferença de cor ou raça. Admirava aquelas pessoas que lutavam contra a fome, doenças e civilização, com energia para viver com tantas dificuldades, cumprimentava todos, mas falava com poucos, só conversava com sua lavadeira.

Na redação os funcionários estavam convidados a receber o redator português, todos tinham que ir, na redação Floc tentava escrever, mas não estava conseguindo, ficou sem ideias parecia desesperado. Na receptividade do recém-chegado Isaías ficou de longe sozinho, o novo funcionário e os demais foram para uma mesa tomar *Champagne*, como brinde em comemoração à chegada do novato.

Certo dia, um rapaz loiro foi à redação entregar um livro de poemas, Isaías recebeu e entregou a Floc, mas ao receber o livro, disse que o nome do autor Félix da Costa parecia nome de enjeitado, perguntou se era mulato, o jovem respondeu que era mais branco que seu colega, o mesmo deixou o livro de poemas no canto, Isaías se chateou com as palavras de seu companheiro.

Aquele mês de maio foi sossegado, porém cheio de egoísmo, o adolescente sentia vergonha do seu nascimento e de sua cor, por esse motivo tinha poucos amigos. Mas vivia satisfeito, desfrutava de almoço e jantar caros, se sentiu especial, saía às cinco horas para apostar na roleta, naquela noite, o jovem dormiu cedo e não viu as manifestações populares que começou, só percebeu pela manhã às oito horas quando ia para ao trabalho.

Nas esquinas havia patrulhas de infantaria e cavalaria e um pouco distante grupo de populares, as tropas subiam e desciam. Um oficial de cavalo andava pela praça mandando o povo a retirar-se da rua, Isaías obedeceu a ordem e o protesto durou três dias. Da sacada do jornal o jovem pôde ver a manifestação, não foi para casa e dormiu na redação.

Os repórteres se arriscavam em busca de notícias para manter seus empregos, aconteceram muitas mortes, mas os jornais não noticiaram. Isaías viu morrer um rapaz vendedor de jornais que não teve tempo de fugir, foi derrubado e pisoteados pelos cavalos, algumas pessoas levaram seu corpo para o escritório do jornal. No romance é relatado da seguinte forma:

Nas esquinas, havia patrulhas de infantaria e cavalaria [...]. Havia grupos compactos de populares [...] as patrulhas subiam e desciam [...] o Lago de São Francisco era mesmo uma praça de guerra [...] um oficial a cavalo percorria a praça, intimando o povo a retirar-se [...] durante três dias a agitação manteve-se. Iluminação quase não havia. [...] da sacada do jornal, eu pude ver os amotinados [...] vi morrer quase em frente ao jornal um popular [...] o pequeno vendedor de jornais não teve tempo de fugir foi derrubado pelos primeiros cavalos (BARRETO, 1998, p.144).

A manifestação fez com que o presidente demitisse a maioria dos ministros, aqueles atacados pelo jornal O Globo, o prefeito e o chefe da polícia também saíram,

e a lei dos sapatos foi retirada. Frederico não estava bem, estava muito calado, parado, esperava ser o primeiro secretário. Isaías chegou às oito horas no jornal e seu companheiro estava fazendo as últimas correções do folhetim, logo saiu e a redação aos poucos ficava vazia. À meia noite, estava apenas o redator de plantão, pouco depois Floc voltou todo alegre.

O Literato começou a escrever, mas não estava gostando do que escrevia e rasgava o papel, sua aparência começou a mudar ficando transtornado, pediu cachaça depois discutiu com o paginador que o apressava, acabando a bebida começou a fumar, estava inquieto, levantou-se da cadeira e foi para um compartimento próximo, em seguida ouviram um tiro e o barulho de um copo caindo, quando entraram no quarto Isaías o paginador e mais dois funcionários viram seu colega no chão agonizando e uma arma ao seu lado, em seguida morreu. Avisaram a polícia e o redator pediu que o jovem fosse até a casa de Rosalina, procurar o Doutor Loberant, chegando lá viu o diretor em plena orgia, contou que o funcionário havia se matado na redação.

Depois desse fato, Loberant chama Isaías para ser repórter, nos primeiros dias teve dificuldade porque os colegas não lhe receberam bem, certo dia um repórter tirou de sua mão uma nota, mas o diretor ordenou que fosse devolvida ao jovem a informação, o tal reporte gritou chamando-o de moleque e que saiu da cozinha de Loberant. Ao encontrar o tal repórter na rua o agrediu com toda força.

Nos primeiros meses de reportagem estava muito feliz, mas isso só foi possível através do fato de ter visto Loberant em plena orgia na casa de Rosalina. Depois desse dia, as dificuldades acabaram e no trabalho todos aceitavam a amizade do jovem com o Doutor Loberant. O funcionário Lobo ficou louco e foi para o hospício, não queria ouvir e nem falar com medo de errar.

Loberant e Isaías tornaram-se amigos íntimos, o jovem informou que abandonaria o Rio de Janeiro, sentia que sua posição era falsa, continuaram a sair juntos para as noites, dava dinheiro a Isaías sem que ele pedisse. Um dia foi convidado para ir a Tijuca com Leda uma Italiana, a mulher sugeriu que ele fosse a Ilha do Governador, no caminho angustiou-se lembrando da vida de sua mãe e sua pobreza, na volta Loberant voltou foi para a redação do jornal e Isaías foi levar Leda em casa. Loberant os deixou com a intenção que os dois tivessem alguma coisa junto, mas o rapaz apenas a deixou em sua casa.

4.2 PRINCIPAIS PERSONAGENS DA OBRA

Isaías Caminha era o personagem principal, um jovem filho de uma mulata com um sacerdote, resolveu ir para o Rio de Janeiro com o sonho de estudar medicina, ele descreve suas características no romance da seguinte forma:

[...] aos meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas com dedos afilados e esguios, [...] mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo e nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de sua cor pronunciadamente azeitonada (BARRETO, 1998, p. 29).

Sofreu com o preconceito, não estudou, arrumou um emprego como contínuo e depois foi promovido a repórter no Jornal O Globo, lá se impressiona com a falta de conhecimento dos jornalistas que se achavam intelectual.

Valentim era tio de Isaías, trabalhava para os correios entregando cartas, levou o sobrinho até o coronel Belmiro para fazer uma carta recomendando o rapaz ao deputado Castro para arrumar um emprego ao Jovem, o trecho a seguir descreve o personagem:

Valentim entrou num comprido capote de baeta. Descansou alguns pacotes de jornais manchado de selos e carimbos; tirou o boné com emblema do correio e pediu café [...] era um homem leal, valoroso, de pouca instrução, mas de coração aberto e generoso. Conta-lhe façanhas, bravatas portentosas, levadas ao cabo, pelos tempos em que fora, nas eleições, esteio do partido liberal [...] acabou de tomar o café, pediu o capote e convidou-me: - vem comigo. Vamos ao Coronel.... Quero pedir-lhe que te recomende ao doutor Castro, deputado (Barreto, 1998, p.29).

Valentim era um homem que conhecia muitas coisas da vida, dava conselhos e estava sempre disposto a ajudar quem precisasse, sabia que seu sobrinho iria sofrer e enfrentar muitas dificuldades no Rio de Janeiro, por ser negro e do interior, por isso pediu que recomendasse Isaías a um político daquela cidade.

Laje da Silva era negociante, padeiro de Itaporanga, baixo, forte, de bigode, conhecia vários jornalistas do Rio de Janeiro, foi o primeiro a falar e sair para cafés e festas com Isaías e o chamar de Doutor, foi quem apresentou Ivã Gregoróvitch Rostóloff ao adolescente, na narrativa o personagem Isaías descreve o padeiro da seguinte forma:

Aproveitei um instante em que se virara para o vizinho, para analisar o padeiro de Itaporanga. Era um homem baixo, de membros fortes, que respirava com força e desembaraçadamente. Falando, torcia com a mão áspera, de antigo trabalhador, o bigode farto [...] o seu olhar, inquieto e fugidio, mas vivo, quando se fixava, era de velhaco mercadejante (BARRETO, 1989, p. 32).

Ricardo Loberant era o diretor do jornal, um homem alto, magro e loiro de bigode, um indivíduo temido pelos fortes, os políticos que naquela época eram os mais poderosos do Brasil, dirigia um jornal com críticas corajosas os fatos governamentais, e todos os funcionários eram obrigados a seguirem sua personalidade.

A conversa tinha cessado quando o diretor penetrou na sala. Era o doutor Ricardo Loberant, um homem muito alto e muito magro, anguloso, com um grande bigode de grande esguias, louro, de um louro sujo, tirando para o castanho, e um olhar erradio, cheio de desconfiança. Era um homem temido, temido pelos fortes, pela gente mais poderosa do Brasil (BARRETO, 1989, p. 84).

O mesmo trabalhou para fazer valer sua vontade de ver crescer o jornal. O Globo fez grandes críticas a presidentes e ministros capitalistas, o jornal era um dos mais vendidos devido ao Senso crítico, impunha suas regras a seus funcionários, que obedeciam fielmente.

Pacheco Rebelo (Aires D'Ávila) foi redator chefe do jornal atuava junto com o diretor era a segunda cabeça do noticiário, bacharel em direito, era um homem gordo e arrogante na redação do Jornal, mas nas ruas eram tratados como se fosse um Deus.

Doutor Ricardo entrou fumando com força seguido de Pacheco Rebelo (Aires D'Ávila), redator-chefe do jornal, a segunda cabeça da casa. Era um homem gordo que se movia pela sala com dificuldade de um boi que arrasta a relha enterrada. Havia na sua marcha um grande esforço de tração em um monóculo petulante. Na face imóvel não lhe diminuía o peso da figura (BARRETO, 1989, p. 86).

Leporace um secretário arrogante formado, foi para redação através de Loberant por ser submisso e respeitoso a ele, foi nomeado secretário, um tipo de secretario mecânico, sem alma e nem defeito, submisso ao diretor do jornal que lhe tratava respeitosamente, aprendeu muito com seus colegas de trabalho nas ruas era tratado como celebridade.

Leporace era o secretário, arrogante como todo jornalista, apesar de ser uma pura criação de Loberant. Formado, sem emprego, sem fortuna, sem "pistões", veio a encontrar-se com doutor Ricardo (BARRETO, 1989, p. 87).

Frederico Lourenço do Couto assinava artigos com o pseudônimo de Floc, respeitado por entender de literatura e assuntos internacionais, responsável por escrever e entregar o conteúdo do jornal era considerado pela alta intelectualidade do jornal, tinha grande prestígio por ter trabalhado fora do Brasil.

[...] esperava-se o doutor Loberant, mas entrou o fino, o elegante, o diplomático, o macio Frederico Lourenço do Couto, com sua linda barba perfumada e o seu grande queixo erguido e atirado para adiante, como ariete de couraçado. Vinha todo perfumado, de olhar lustroso desprendendo a essências, com peitinho da camisa a brilhar imaculadamente e um grande botão de coral ao centro, rodeado de brilhante (BARRETO, 1989, p. 91).

Não se metia em polêmicas tinha grande prestígio, por ter ido a Paris e ter sido segundo secretário da nossa legação em Quito. Achava-se mais artista do que os outros rapazes que faziam literatura pelo Brasil produzia crônicas literárias, crônicas teatrais dos espetáculos de todas as celebridades, informações sobre Literatura e pintura, e o plantão semanal do jornal, por não conseguir escrever uma crônica suicidou-se na redação do O Globo.

Ivã Gregoróvitch Rostóloff, estrangeiro russo era a artilharia do jornal:

[...] era da Romênia. Seu pai era emigrado russo, sua mãe, grega. Estudara no Cairo e acabara seu curso em Sófia, correria a Europa, a Ásia e a América. Tinha 50 anos e sentia-se absolutamente sem pátria, livre de todas as tiranias morais e psicológicas que essa nação contém em si. Era capaz de aprender todas as línguas, escrevê-las em três ou quatro meses (BARRETO, 1989, p. 57).

Fazia críticas pesadas e violentas aos adversários dos mais diferentes tipos e muito menos, poupava e nem se desculpava, sempre se referia a eles como instrumentos de guerra, defendia várias questões, ganhava dinheiro e vivia, cada país que visitava demorava pouco tempo, incentivou o jovem Isaías a lutar por seus objetivos e não desanimar com as dificuldades do país.

4.3 INDÍCIOS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA OBRA "RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA"

Nesse romance, por várias vezes Lima Barreto mostra indícios de preconceito racial e social, a discriminação pela cor e pelo fato do indivíduo ser pobre. O jovem Isaías sabia que por conta de sua cor, não era visto e pensou que através dos estudos seria notado. No romance é relatado da seguinte forma:

Ah! Seria doutor resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de Homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro[...] era uma outra casta, para a qual eu entraria (BARRETO, 1998, p. 26).

Nesse trecho é possível notar que autor descreve que Isaías sabia que pela sua cor não teria nenhuma oportunidade, mas se tivesse o diploma de doutor e o anel no dedo, teria a consideração de todos, andaria pelas ruas e praças e seria cumprimentado as pessoas não o olhariam mal, teria muitos direitos e privilégios, poderia falar alto o que pensava. Dá para notar que sabia da diferença de tratamento pela sua cor, e tinha medo de se expressar e de que os outros iam pensar dele.

Lima Barreto mostra no romance que o jovem Isaías pensou nas dificuldades que poderia enfrentar na cidade do Rio, nos estudos e principalmente a sua condição social, sentiu pela primeira vez a discriminação na viagem que fez de trem do interior para Rio de Janeiro. No romance o autor relata da seguinte forma.

Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimento e dores que a educação e a inteligência, qualidades a mais da minha frágil consistência social, haviam de trair fatalmente. [...] tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolo [...] como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: " oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo! " Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. [...] tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos (BARRETO, 1998. p. 29).

Nessa passagem, o autor deixa bem evidente a diferença de tratamento entre um branco e um negro, mas o personagem não consegue entender, e se sente ofendido em relação aos outros, começa a comparar sua fisionomia, nota que ela é animada e aceitável, porém sua cor é o problema, sua aparência pode mudar engordar, emagrecer, mas sua cor não pode mudar.

Por todos os lugares que o personagem andava, ele sentia um tratamento e olhares diferentes para sua pessoa, quando saía evitava falar com as pessoas para não ser humilhado com palavras ou atitude de outros, tentava envolver-se em conversas descontraídas, e se divertir, mas lembrava das recomendações da mãe para não se mostrar. O autor relata da seguinte forma:

[...] Raul Gusmão um jovem jornalista, da amizade do Laje da Silva, pronunciou solenemente devagar no botequim[...] deu-me não sei que mal-estar, que não mais falei até à sua despedida. Tive medo de que fosse preciso empregar o mesmo esforço, minha palavra custasse também aquela grande dor já olvidada e vencida pela nossa espécie; e fiquei a ouvi-lo respeitosamente, tanto mais que nos tratou com tal desdém, com tal superioridade que fiquei entibiado, esmagado, diante do retrato que fiz intimamente, de um grande literato (BARRETO, 1998, p. 34).

No trecho acima, nota-se que o jovem evitava falar com as pessoas conhecidas da sociedade, por receio de sofrer qualquer discriminação por se tratar de um jornalista, pensa em seu interior que poder ser um defensor dos pobres e desamparados, mas se engana, quando o mesmo mostra ter um ar de superioridade, o jovem se decepciona com tal atitude e por ter pensado que seria um homem defensor das classes menos favorecidas.

O autor Lima Barreto relata através do personagem Isaías, que o jovem sabia que seria discriminado, mas não entendia por que, sendo que aquelas pessoas não o conheciam para julgá-lo, ele sempre se mantinha retraído quando percebia que estava sendo tratado de forma diferente. O autor relata da seguinte forma:

Oliveira olhou-me com alguma raiva e eu tive que comprimir a alegria colegial do quinau. Mas a sua raiva foi breve; o repórter Oliveira procurou uma saída conveniente para sua ignorância numa crítica larga e patriótica [...] pus-me a recapitular todos esses episódios[...] e senti também que o espantoso Gusmão e o bobo Oliveira me teria desviado da observação meticulosa a que vinha submetendo o padeiro de Itaporanga. Achava extraordinário que um varejista de um vilarejo longínquo cultivasse e mantivesse amizades tão fora de seu círculo (BARRETO, 1998, p. 36).

Fica claro no trecho acima que a atitude do personagem diante de alguém que mostre não estar à vontade com a sua presença, se retrai no seu canto e fica calado. Percebe-se que os amigos de Laje da Silva não entendem porque ele mantém uma amizade com Isaías, por ser de uma cidade longe e o jovem ser descendente de negros, totalmente fora dos padrões de amizade deles.

Em todos os lugares que o jovem passava sentia a repulsar em relação a sua cor, alguns atos deixavam ele muito triste, sentindo-se inferior a todos de cor branca, algumas atitudes fazia o personagem se sentir humilhado, só passava por isso por conta de sua cor, fazendo pensar que um branco era mais importante e tinha mais valor. No romance Barreto relata da seguinte forma.

Um sujeito entrou no bonde, deu-me um grande safanão, atirando-me o jornal no colo, e não se desculpou [...] esse incidente fez-me voltar de novo aos meus pensamentos amargos, ao ódio já sopitado, ao sentimento de opressão da sociedade inteira [...] senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudos servi de joguete, de irrisão a esses poderosos todos por aí (Barreto, 1998, p. 55).

Em todos os lugares é possível notar que o preconceito e a discriminação são comuns e estão presentes a todo o momento, e o sentimento de quem sofre com isso, são claros na fala do personagem Isaías Caminha, fazendo com que o indivíduo se sinta humilhado, sem vontade de viver em uma sociedade que não olha para o interior da pessoa, os julga pela cor de sua pele tratando-os como se fossem animais ou objetos que não tem sentimentos e nem valor.

No romance o autor relata em um trecho que o personagem Isaías é acusado de ter roubado o Hotel Jenikalé, é muito comum as pessoas de cor negra ser incriminado por algo sem ter feito. O preconceito racial está introduzido nas mentes e nos corações daquelas pessoas que se acham superior aos outros por possuir a cor clara e dispor de alguma condição financeira ou possuir um emprego, que representa para a sociedade algum tipo de estabilidade. O autor descreve no romance da seguinte forma:

[...] ali recebi a intimação do delegado e corri a delegacia obedientemente[...] até então, eu não sabia ao certo o que viera fazer àquela delegacia [...] falou-me por auto num roubo que houvera no hotel pela noite última [...] chegou um personagem ventruado [...] e o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal " mulatinho"? [...] quando me vi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos [...] o que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário de um representante do governo Deveria ter perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil (BARRETO, 1998,p. 60).

O fragmento acima relata fatos que acontece no dia a dia, tanto no passado quanto nos dias atuais, o autor descreve que o personagem Isaías foi acusado de roubar o hotel, e na delegacia ele novamente é vítima de preconceito e discriminação vindo de uma pessoa que conhece ou deveria conhecer a lei, e ter a consciência e saber dos direitos do jovem, antes de fazer qualquer julgamento de seu caráter.

Na maioria dos casos, um negro é suspeito de algum delito apenas pela sua cor, alguns ditos da lei praticam essas injustiças apenas para fazer o indivíduo passar por humilhações. Percebemos que o preconceito é um dos problemas graves em todo o mundo, e que as pessoas precisam se conhecer melhor, independentemente de cor ou raça.

Algumas pessoas que dizem ser da lei, têm medo que a sociedade descubra seus atos praticados para humilhar um negro e passam a fazer chantagem para o indivíduo não contar, ou começam a ajudar ou defender, de forma falsa, apenas para que o indivíduo não conte sobre as ações de discriminação e humilhações cometidas por essas pessoas. Lima Barreto relata esse fato da seguinte maneira:

O delegado... interrogou-me de mau humor, [...]você não é estudante nem nada; não passa de um "malandro" muito grande! [...] senti-me ofendido injustamente agredido sem causa sem motivo fui para o xadrez convenientemente escoltado [...] entrei aos empurrões; desnecessário aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria! (BARRETO, 1998, p. 64).

As vítimas de preconceito e discriminação sentem-se diminuídos ou excluídos da sociedade, fazendo-os pensarem que sempre serão tratados dessa forma, causando divisões de classes, mesmo com a união de todos sempre vai haver uma forma de praticar tal ação contra do indivíduo de cor. Essas atitudes fazem com que esse povo não acredite nas leis do país. A escravidão deixou marcas profundas na nossa cultura. Essa que os negros eram separados dos brancos, sendo apenas objetos de trabalho e de troca. Hoje são marginalizados por pessoas sem sentimento.

No romance Barreto relata que Isaías ficou preso por algumas horas e foi interrogado novamente pelo delegado, que foi bem tratado com respeito e simpatia, o delegado ficou sabendo que o jovem tinha amizade com um jornalista muito conhecido da sociedade e resolveu-o soltar, essas atitudes são comuns na nossa sociedade, quando são conhecidos de pessoas influentes são dispensados de qualquer investigação. No romance Lima Barreto ressalta da seguinte forma:

Estive nas xadrez mais de três horas, depois fui de novo à presença do delegado. Encontrei-o outro homem, mais brando e disposto a simpatia, tratando-me por "menino e "meu filho" [...] espantei-me com a delicadeza com que me tratou a autoridade, pela segunda vez [...] pois me perguntou logo: _ você não tem relações aqui, no Rio, menino? _ meu conhecimento mais íntimo e o doutor Ivã Gregoróvitch Rostóloff. [...] vá-se embora, disse-me ele por fim [...] não diga nada ao doutor Rostóloff (BARRETO, 1998, p. 67).

No relato acima o autor mostra o que aconteceu com Isaías na delegacia, esses fatos ainda acontecem na atualidade, alguns indivíduos que trabalham na área de segurança pública agem dessa forma, prendem ou soltam pessoas que, são amigos ou conhecidos de pessoas influentes, políticos ou empresário. Atitude como essa faz com que o Brasil permaneça longe de ser um país onde todos sejam iguais.

É comum empresas ou estabelecimentos negar emprego a uma pessoa negra, as pessoas de cor encontram muitas dificuldades para conseguir empregos. No romance o personagem Isaías vai em busca de emprego, o primeiro que ele encontra, lhe é negado por puro preconceito, muitos são taxados de marginais, o autor relata esse fato da seguinte forma:

Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se"...um apareceu-me aceitável. Tratava-se de um rapaz, de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão [...] o gordo proprietário esteve um instante a considerar...examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor: _não me serve. [...] eu saía literalmente esmagado (BARRETO, 1998, p. 69).

Na obra é possível notar que o jovem Isaías entendeu que onde quer que fosse procurar emprego, seria tratado da mesma forma, essas atitudes fazem com que o indivíduo enfrente dificuldades, sem dinheiro e nem trabalho. Percebe-se claramente que o dono do estabelecimento negou o trabalho ao jovem por ele ser mulato, não deu nenhuma justificativa a ele. Discriminação é um ato que podem atingir os sentimentos de muitos. As desigualdades pouco mudaram em relação à situação do negro na sociedade.

Quando um negro consegue um emprego, na maioria das vezes, os cargos ocupados por eles são de baixos salários e de precárias condições, mesmo estando nas mesmas posições que os outros funcionários. Muitas vezes sofrem preconceito de seus colegas ou até mesmo de seus patrões, em confraternizações ou reuniões eles quase não participam. As condições sociais e raciais, são determinantes no emprego, Barreto demonstra:

A recepção do redator português era uma festa. [...] todos tinham que ir [...] inútil é dizer que fiquei de longe, sozinho, como sempre fiquei nessas coisas e como parece ser meu destino ficar sempre [...] eu esperava, afastado do grosso da claqué, tímido diante de tanta grandeza inabalável (BARRETO, 1998, p. 133).

O autor é bem claro, quando descreve a relação que os companheiros de Isaías têm com ele quando estão em comemoração, o jovem se manteve afastado de toda recepção. Os fatos acima aconteceram no passado e ainda acontecem nos dias atuais, a discriminação para negros e descendentes são como um tipo de violência, ultimamente eles estão buscando espaço na coletividade exigindo os seus direitos e participação na transformação da sociedade, culturalmente, politicamente e

socialmente. No trecho relatado pelo autor, Isaías não podia nem dar a sua opinião, apenas obedecer a ordens.

O personagem sentia-se inútil com todos os tratamentos que lhe era dado. Na maioria das vezes, o preconceito não é visto, mas, é sentido através de olhares e algumas atitudes de distanciamentos, o fato de Isaías ser desprezado pela sua condição social e de cor, o faz pensar que é um estranho dentro de sua própria terra e a promoção que recebeu como repórter, só aconteceu devido o jovem ter visto o diretor com amantes, e pelo fato, recebeu a promoção para não contar o que viu.

A questão do preconceito e discriminação no romance "Recordações do escrivo Isaías Caminha" descreve um adolescente que sofria por ser negro e denunciava uma sociedade sem caráter, jovem que partiu para a cidade grande para estudar, levando uma carta de recomendação a um deputado. Na cidade ele vai procurar o político na câmara, mas não foi atendido, porque para falar com o deputado tinha que marcar hora ou ser muito importante e o jovem não era significativo.

Durante viagem o menino foi ignorado, na cidade foi preso acusado de roubo, passou por essa situação não por ter roubado, mas por ser mulato de origem pobre, teve vaga de emprego negado por conta de sua cor, no emprego que conseguiu era desprezado por seus colegas, todos esses fatos, deixa claro o preconceito e discriminação de uma sociedade sem consciência em uma época em que os negros não tinham espaço, porém hoje no século XXI, os mesmos fatos acontecem com pessoas de cor negra e de classe social baixa, apesar de tal prática ser considerada crime é comum e evidente.

Na obra é apresentado um jornal da época e seus funcionários, na redação cada empregado tinha que reverenciar o poderoso diretor que visava apenas lucros, na composição do periódico havia muitas intrigas, fofocas e corrupção, recebia dinheiro do governo para não fazer críticas contra o mesmo, no entanto o jornal publicava notas contra o governo, esses acontecimentos perduram até hoje, emissoras recebem dinheiro para não noticiar determinados fatos políticos.

O preconceito e discriminação racial e social, sempre existirão, isso deve-se ao fato da escravidão em que os negros foram separados dos brancos e não eram respeitados, essas atitudes vem acontecendo no decorrer das gerações, certos indivíduos continuam julgando o outro por sua cor e não por seus atos, mesmo sabendo que é crime, o preconceito está presente na sociedade.

5 PROPOSTA EDUCACIONAL

5.1 ANÁLISE EDUCACIONAL DA OBRA “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA” NA SALA DE AULA.

A obra “RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA” pode ser usada na sala de aula para discutir com os alunos a questão do preconceito racial abordando o racismo e a discriminação, como o personagem Isaias reagia com o preconceito e a discriminação sofrida, a maneira que ele era tratado em seu trabalho na rua e ao seu redor. Abordar com os alunos como devem agir nos dias atuais com o preconceito e a discriminação, o que devem fazer quando perceberem tal ato. Fazer observações com fatos acontecidos na obra e compara-los com atos dos dias atuais. Conceituar o racismo, o preconceito racial.

Os temas centrais da obra literária são o preconceito racial na primeira parte, e na segunda, a imprensa daquela época. O primeiro tema, o preconceito racial, está atrelado às condições sociais dos negros e mulatos do período seguinte à abolição; e o segundo núcleo temático, a imprensa, aborda sobre a farsa, corrupta, opressora, incompetente, desonesta imprensa do início do século, algo que não mudou muito, segundo o narrador, estava muito longe de contratar intelectuais competentes. A obra descreve vários tipos de farsantes: o jornalista, o político e o burocrata, tirados dos contatos do autor com as redações de jornais da época e com repartições públicas. Fatos esses que nos dias atuais não são tão diferentes do passado juntamente como o preconceito e a discriminação.

Os alunos negros ao entrarem na idade escolar encontram um agravante que impede seu pleno desenvolvimento emocional e intelectual logo que chegam à sala de aula. Muitas são perseguidas, humilhadas, discriminadas, excluídas e condenadas por colegas de sala de aula e, às vezes, até mesmo por professores, por isso requer um cuidado maior de atenção por parte não só dos professores, mas, também de toda a sociedade.

Segundo Rosemberg (1996) as crianças negras tendem a repetir o ano com uma frequência maior do que as crianças brancas e são excluídas mais cedo do sistema escolar, além de apresentarem uma trajetória escolar mais conturbada e irregular do que as crianças brancas, sofrem um maior número de afastamentos e regresso para a escola, demonstrando uma maior dificuldade de interação e inclusão

entre o sistema escolar e a criança negra. Mesmo assim, grande parte delas supera as dificuldades que a sociedade lhe coloca ao se esforçar a permanecer na escola.

5.2 RACISMO

O racismo é uma ideologia, um conjunto de crenças e preceitos que moldam a ideia de superioridade de determinados grupos sobre outros, a partir da identificação de distinções raciais. O racismo é crime inafiançável e imprescritível segundo o art. 5º inciso XLII da Constituição Federal, o qual ganhou existência real através das leis nº. 7.716/89 e 9.459/97 e do livre acesso à justiça assegurado constitucionalmente, bem como da assistência judiciária gratuita. (BECCARI, 2005) A discriminação ocorre com maior frequência contra a raça negra e mais precisamente em relação aos negros pobres, se agravando contra as mulheres, crianças e idosos negros e pobres.

Embora haja na nossa legislação diversas fontes e recursos de combate contra a discriminação e o racismo é necessário que haja êxito nessa batalha, e é importante a existência de uma consciência. Faz-se necessário que aqueles que são discriminados estejam conscientes da discriminação sofrida e reajam de forma certa contra seus discriminadores, inclusive denunciando-os à justiça.

Por outro lado, é necessário que o povo brasileiro crie uma consciência das discriminações que existem no Brasil, mas geralmente a sociedade nega a ocorrência de discriminações atribuindo eventuais casos a comportamentos isolados de pessoas inescrupulosas. As discriminações existem e são reais e devem ser encaradas com fatos concretos que precisam ser combatidos e resolvidos.

Normalmente as crianças ao nascer não possuem sentimentos de racismo e preconceitos, elas veem os outros como iguais, mas com o passar do tempo elas aprendem com os adultos que existem pessoas superiores a outras, o que não é verdade, mas infelizmente elas aprendem isso e a solução para impedir esse preconceito é necessário que os pais e professores ensinem seus filhos e alunos que todas as pessoas são iguais perante Deus e a lei, que ninguém é melhor ou pior, e que todos têm direito de serem tratados iguais. A escola é o espaço de conhecimentos e construção das relações étnico - raciais.

A desigualdade racial, antes de ser o problema em si, é o resultado de vários processos, o preconceito e a discriminação, se destacam como fontes primárias. O trio, racismo– preconceito – discriminação, precisa se integrar no interior da política de estímulo da igualdade racial.

O racismo é algo que está enraizado no cotidiano escolar, deixando marcas profundas em crianças e adolescentes negros. O silêncio sobre o racismo muitas vezes é usado estrategicamente para tentar evitar o conflito étnico, na maioria das vezes essa ação não surte muito efeito, fazendo o problema se agravar ainda mais.

5.3 PRECONCEITO RACIAL

O preconceito e a discriminação racial são manifestações de práticas que teriam mantido o passado no presente. Dessa forma, "[...] a ascensão social do negro e do mulato se processou, está se processando e se processará no futuro" (FERNANDES, 1965, p.274). A presença do racismo não impede a integração do negro, apenas a adia.

Segundo Munanga:

"O preconceito inculcado na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolares altamente elevados do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco". (Munanga, citado em Henriques, 2002, p. 94).

O preconceito e seus derivados no ambiente escolar deixam marcas, muitas vezes inapagáveis, para todos que interagem no cotidiano escolar. As consequências do preconceito vão prejudicar todos os indivíduos da sociedade. Como afirma Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006):

As ações afirmativas constituem-se em políticas de combate ao racismo e à discriminação racial mediante a promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade (Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes 2006 p. 186).

As observações sobre racismo, preconceito e discriminação tiveram como mecanismo essencial as lutas e o empenho do movimento negro de diversas formas. (SANTOS, 2006, p. 159) da década de 1920 até as lutas recentes de movimentos quilombolas, vêm construindo novas possibilidades de se pensar umas sociedades livre do racismo e de formas correspondentes de discriminação.

Conforme afirma Santos (2000), existe discriminação sempre que uma pessoa seja impedida de exercer um direito como, por exemplo, o trabalho, ou não possa

usufruir as mesmas oportunidades e tratamentos que outras em função de sua raça, sexo ou idade. Contra essa discriminação, cabe a indicação, pelas normas legais, no sentido de combater a incompatibilidade com o Estado democrático de direito, e possibilidade de sua aprovação pela via jurídica.

5.4 COMO ABORDAR O PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR.

Esse racismo nas escolas poderá vir algumas vezes de formas visíveis e outras invisíveis, disfarçadas. É necessário esclarecer esses conflitos étnicos e trazê-los a público para tentar encontrar soluções concretas que combatam o racismo, principalmente no âmbito escolar que é algo muitos pesquisadores e educadores almejam. Cavalleiro relata.

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância e estereótipos negativos sobre o negro. (CAVALLEIRO, 2006, p. 19).

O racismo tenta negar a humanidade das pessoas negras quando as compara a animais, doenças ou ao semelhar suas características físicas igualando-as a objetos. “De tanto inferiorizar as pessoas negras com apelidos, ‘piadinhas’ e gracejos, todo o mundo passa a achar que isso é engraçado, louvável e quem se embravece é repudia tal ato.” (SILVA, 2001, p. 77). Essas comparações se tornaram tão comuns e banais que estão naturalizadas na cultura brasileira. É necessário desconstruir essas comparações que só denigrem a imagem do negro e dar-lhes o devido respeito.

Referindo-se a escola representante de uma parcela da sociedade, nela também encontraremos os variados tipos de exclusão, intolerância e segregação que nada mais são do que o reflexo da discriminação na sociedade em geral. “No âmbito escolar, a discriminação pode envolver professores, funcionários, familiares e alunos, sendo qualquer um desses o agente discriminador” (BITTENCOURT, 2009, p. 237). Dessa forma é importante trabalhar o tema discriminação racial em sala de aula, discutir esse tema ajuda na formação cidadã dos alunos, assim estamos contribuindo para que crianças negras possam ser educadas e conviver dentro de um ambiente tranquilo, sem violência e discriminação, onde sua cultura e suas origens sejam valorizadas, auxiliando-as a elevar sua autoestima.

Cabe aos professores, ensinar a criança, principalmente a negra, que é quem sofre o racismo, aprender a confrontar e a reconstruir a história, sendo autor atuante

de sua própria vida. "Pensar criticamente é uma das habilidades e um dos instrumentos a serem desenvolvidos pela educação escolar mais influente na busca de igualdade e justiça social. Isso significa aprender a questionar a realidade de uma forma proativa". (ROSSATO; GESSER, 2001, p. 33)

A lei 10.639/03 trouxe a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira em todos os estabelecimentos de ensino público e privados desde 9 de janeiro de 2003. Essa lei procura reparar as desigualdades seculares que envergonham o país para minimizar as injustiças praticadas contra o negro.

A escola é o espaço ideal para buscar o aprimoramento das relações interpessoais do convívio respeitoso e igualitário, mas muitas vezes a instituição se distancia de seu papel. O educador deve utilizar o espaço escolar para promover, através do conhecimento e da valorização da afro-descendência a construção da identidade racial da criança negra. Mas o negro continua sendo tratado com desrespeito pois sua negritude coloca-o na condição de pobre sujo e favelado, deixando no indivíduo um sentimento de inferioridade.

Roos (2010) ressalta que a escola peca e se distancia da lei quando não olha o aluno negro com o mesmo olhar que aponta o aluno branco, quando subestima sua capacidade, quando não o prepara para que dispute em condições de igualdade as posições que almejam os alunos descendentes das etnias dominantes.

Respeitar as diferenças é um princípio étnico que nos remete à fraternidade e acolhimento. Nesse sentido, a escola precisa sair da condição de negação e admitir a existência do racismo no contexto escolar para que se estabeleçam mudanças significativas em relação a valorização do aluno negro em busca da construção de sua identidade e do reconhecimento.

De acordo com Souza; Souza, (2008) a escola, depois do ambiente familiar, pode ser o único espaço de convivência onde a criança e o adolescente tenha a oportunidade de compreender o por que é diferente e o que é a diferença. Quando isso não acontece nos leva a acreditar que a escola ao mesmo tempo que promove o encontro com a diversidade, pode ser em muitas vezes meio de relações desiguais

6 CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa buscou-se, descobrir os motivos que levaram o autor Lima Barreto a fazer severas críticas aos acontecimentos de sua época, no qual ele relata uma grande diferença de tratamento, com pessoas da cor negra e classe social baixa, com as críticas, o autor tinha a intenção de denunciar esses fatos à sociedade em geral. Sua obra viabilizou na reflexão dos fatos que o autor descreve durante a trajetória de sua vida através de um personagem.

A realização do presente trabalho possibilitou através de pesquisas bibliográficas e metodologias de autores, um estudo aprofundado de dados e fatos relatados por vários autores, permitindo conhecer teoricamente o Afonso Henriques de Lima Barreto e os motivos de suas críticas em uma de suas obras. Notou-se que Barreto usou fatos de sua vida para escrever seus livros. Sua vida foi de muitas dificuldades porque era mulato e pobre que tentava superar o preconceito, mas enfrentava problemas porque vivia em uma sociedade preconceituosa que marginalizava os negros e as pessoas da classe pobre, impedindo-os de se relacionarem socialmente.

Na obra "Recordações do escrivão Isaías Caminha" o escritor faz uma espécie de autobiografia, através do personagem Isaías que conta parte de sua vida. Assim como seu personagem, Barreto foi muito discriminado e humilhado por conta de sua cor, no romance Isaías relata que tinha um sonho de conseguir um diploma de doutor com ele seria reconhecido e aceito pela sociedade, mas percebe que é muito difícil de ultrapassar tal barreira, da mesma forma aconteceu com o autor, abandona o sonho para garantir sua sobrevivência.

O autor aproveita o personagem Isaías para fazer denúncia de corrupção escondida atrás dos funcionários do jornal que ele trabalhava políticos corruptos e alianças fraudulentas para favorecer amigos ou parentes, não se importando com a necessidade do povo. Na narrativa o autor relata sua indignação com o abandono de parte da população que vive em favelas e barracos.

Todos esses relatos ditos pelo autor na obra "Recordações do Escrивão Isaías Caminha" revelam as injustiças que sofreu, esses relatos mostram que autor mesmo pobre, negro e sem reconhecimento deixou seu nome na história, como um dos

maiores escritores e sua literatura é usada para fazer denuncia de preconceito e discriminação para a sociedade e que muitos fingem não ver.

A referida obra poderá ser usada para discussão em sala de aula, fazer análise de fatos que aconteceu na narração com fatos da atualidade, comparar o personagem com pessoas reais, debater o racismo, preconceito e discriminação na escola, fazer reflexões sobre o tema, enfatizar o respeito com as pessoas de cor dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

BARRETO, L. **Recordações do Escrivão do Isaías Caminha**. Série Bom Livro. Editora Ática. São Paulo, 1998.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. 2ª série, Editora Ridel Clássicos, 2002.

BECCARI, Cristina B.; **Discriminação Social, Racial e de Gênero no Brasil**. DireitoNet, 2005.

BITTENCOURT, Alex Avelino et al. **Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 43, n. 2, abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 janeiro.2019

CARVALHO, M. C. M. de C. (Org). **Metodologia Científica Fundamentos e Técnicas Construindo o Saber**. 14ª ed. Campinas São Paulo, Papirus, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006.

CEREJA, W. R.; Thereza C. M. **Português Linguagens**. v.3, Ensino Médio, 5ª ed., São Paulo, 2005.

_____. **Português Linguagens**. v. único, Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo, 2003.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. V. III. Editorial Sul Americana S.A. Rio de Janeiro, 1969.

COUTINHO, C. N.; GLIVAN P. R.; KONDER, J. P. N. L.; HENRIQUES, L. S. N. **Realismo Anti-Realismo na Literatura Brasileira**. v. 24. ed. Paze Terra. Rio de Janeiro, 1972.

FERNANDES, Florestam. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Nacional, 1965.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. In: GERHARDT, Tatiana Engel Gerhardt; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JOBIM, J. L.; SOUZA, R. A. de. **Iniciação à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

LAKATO, E. M.; MARCONI. de A. M. **Fundamentos da Metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo, 2003.

_____. **Metodologia científica**. 7ª e. São Paulo, 2010.

MARTINS JUNIOR, J. **Como Escrever Trabalhos de Conclusão de Curso**. 8 ed. Petrópolis vozes, 2014.

MEGALE, M. **Literatura e Linguagem 2**. 7ª ed. Editora Nacional. São Paulo, 1980.

MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. 24ª ed. Cultrix: São Paulo, 2003.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino; **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NICOLA, J. de. **Língua Literatura e Redação**. Editora Scipione. São Paulo, 1993.

PRESTE, M. L. de M. **A pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico**. 4ª ed. São Paulo, 2012.

ROSSATO, César; GESSER, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudo de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P.; NEGRÃO, Esmeralda V. **A situação educacional de negros (pretos e pardos)**. São Paulo, 1986. (Relatório de Pesquisa. Departamento de Pesquisas Educacionais/ Fundação Carlos Chagas).

ROOS. Roseli Rezende. **O preconceito racial no contexto escolar**. Porto Alegre, 2010.2009. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 janeiro.2019

SALES, H. (Org). **Antologia escolar de contos Brasileiros**. Coleção Prestígio. Editora tecnoprint.A. edições de ouro. Rio de Janeiro. 19??.

SANTOS, Isabel Aparecida. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) **Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. Ver. E atual. São Paulo, Cortez, 2007.

SILVA JR., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

SOUZA, Edileuza P.; SOUZA, BÁRBARA, O. **Preconceito, estereótipo e discriminação no espaço escolar.** In: SOUZA, Edileuza P. (Org.); RIBEIRO, A. S. T. (Org.); SOUZA, B. O. (Org.); RIBEIRO, I. M. P. (Org.). **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola.** 1. ed. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008.

SODRÉ, N. W. **O Naturalismo no Brasil.** Editora Civilização Brasileira. S.A. Rio de Janeiro, 1965.

TAVARES, H. **Teoria Literária.** Belo Horizonte MG. Itatiaia, 2002.

TUFANO, D. **Estudo de Língua e Literatura.** Editora Moderna, 1985.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Editora Rêspel, São Paulo, 2010.